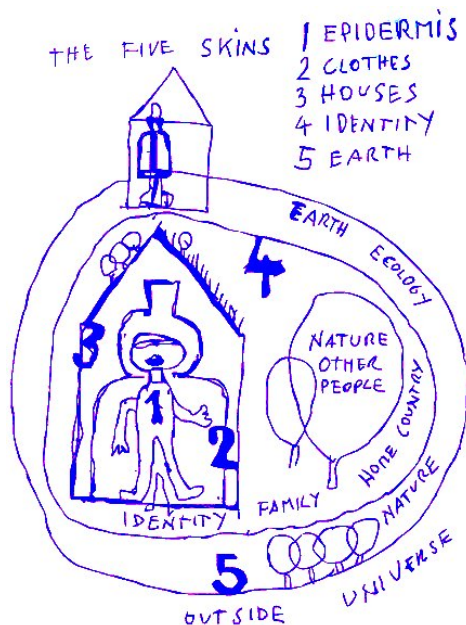


V Congresso Passivhaus – Aveiro 29.11.17
Três respostas a três perguntas

Fausto Simões
arquitectologia.org

1 - Qual o papel da arquitectura no desempenho dos edifícios?

Em certa medida o desempenho dos edifícios tem em vista alcançar um salutar “conforto térmico” que assenta, mas não se esgota, na fisiologia da termoregulação.



Neste contexto, os edifícios comportam-se como uma terceira pele, sendo a primeira a pele do nosso corpo e a segunda o vestuário. Hundertwasser acrescenta ainda a esfera da Sociedade e a da Terra, o que nos sugere a integração urbana e aponta para a ecologia (*).

Nos países frios e pouco ensolarados do Norte da Europa a poupança de energia utilizada nos sistemas de aquecimento centra-se na eficiência térmica dos edifícios, estando a exploração das potencialidades do corpo e do “vestuário técnico” (paradoxalmente) condicionada por modernos padrões de vida e convenções sociais. As implicações no desenho dos edifícios reduzem-se, sobretudo, à materialização das duas estratégias de conservação do calor: isolamento térmico e controlo das infiltrações e, portanto, à pormenorização arquitectónico-constructiva de um edifício relativamente compacto.

Em Portugal e noutros países ensolarados do sul da Europa, o jogo entre invernos moderados e verões quentes apela para a conjugação da conservação do calor com o solar passivo no inverno e com todas as sete estratégias de verão, em que o isolamento térmico tem um papel mais discreto em favor da inercia térmica. As implicações na arquitectura são profundas, sendo a principais decisões de desenho tomadas logo no início do projecto.

Não desenhar com o clima coloca a arquitectura do lado do problema, pois induz mais dependência tecnológica e consumos de energia em sistemas de aquecimento e, sobretudo, no ar condicionado para arrefecimento, no quadro das alterações climáticas previstas para Portugal. Desenhar com o clima usando mais os conhecimentos do que os equipamentos, coloca a arquitectura do lado da solução e não do problema. Em Portugal, o real desafio não é poupar energia mas melhorar o “conforto” usando meios simples sem gastar mais energia.

Para desenhar com o clima precisamos de um método para lidar com ele face às necessidades humanas que sentimos, tanto mais que as decisões fundamentais sobre a forma e a (ex) posição são decididas logo no início do projecto. A Carta Bioclimática ou outro método. A meu ver, isto aplica-se não só a novos edifícios mas também à reabilitação que tem os seus condicionamentos próprios e requer uma metodologia ligeiramente diferente.

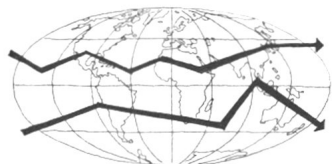
O livro “A Green Vitruvius” lançou a discussão sobre o método há dezassete anos, mas até hoje ela continua por fazer.

Porquê? Talvez porque as escolas de arquitectura ainda estão no modo “euclidiano” como escreveu Richard Neutra há mais de meio século.

(*) Fonte da figura: <http://www.hundertwasser.com/skin>

2 - Como deve parecer um edifício eficiente?

Se um edifício eficiente é um edifício que satisfaz cabalmente certas necessidades, nomeadamente a de um saudável conforto térmico, então ele tem que ser desenhado com o clima, não contra o clima.



DESIGN WITH CLIMATE

BIOCLIMATIC APPROACH TO ARCHITECTURAL REGIONALISM

VICTOR OLGAY

some chapters based on cooperative
research with ALADAR OLGAY

PRINCETON UNIVERSITY PRESS
PRINCETON, NEW JERSEY, 1963

Nesse sentido, podemos ter uma forma compacta e leve num clima frio, uma cidade maciça e porosa no mediterrâneo, uma casa leve e penumbrosa num clima tropical húmido...

Estamos no reino da diversidade e não da paradigmática uniformização do ar condicionado.

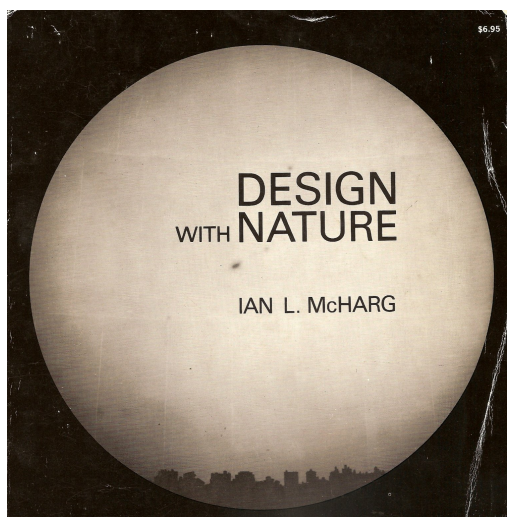
Somos assim conduzidos a uma espécie de regionalismo, não meramente formal mas substancial, aparentado com o “sentido do lugar”, a querença, melhorando conforto sem aumentar a dependência tecnológica e o consumo de energia comercial.

Não sendo da competência do arquitecto o desenho dos sistemas energéticos e de outras instalações especiais, cabe-lhe no entanto desenhar a sua integração arquitectónico-constructiva “no sentido ecológico e não só visual”, conjugando a ordem prática com a ordem sensível.

3 - Como será o edifício do futuro?

Não faço ideia de como será o edifício do futuro... ou mesmo o futuro!

Espero que não seja um qualquer distópico futuro de “smart bunkers” em “gated communities”!



Descartando este distópico cenário em Portugal, não gostaria de ver mesmo uma *passivhaus* como uma “machine a habiter” (à la Corbusier), uma “smart house” numa “smart city”.

Este é o meu ponto de vista:

Na sua obra seminal “Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico” Orlando Ribeiro como Köppen, repartiu o nosso pequeno país em duas regiões geo-climáticas - mediterrâneo e atlântico - reflectidas na arquitectura popular. Mas hoje, a frugalidade tradicional cede a novos padrões de vida, o envelhecimento da população cria novas exigências e a rutura dos ecossistemas coloca novos desafios, na intensificação de fenómenos extremos, na mediterraneização, e mesmo a desertificação.

Assim, eu penso em primeiro lugar, em termos de estratégias e não de formas. Estratégias bioclimáticas nas quais as estratégias de verão tendem a prevalecer.

Mais. “Desenhar com o Clima” não chega. Teremos que ir mais longe e “Desenhar com a Natureza”, respondendo aos desafios eco-sociais que aí estão.